UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº17.228 de 25/11/2016
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS
SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2021

As escrevivências sociais em "Olhos D'água", de Conceição Evaristo

Sthefany Santos dos Reis[1]; Aleilton Santana da Fonseca[2]
1. Bolsista FAPESB, Graduanda em Licenciatura em Letras Vernáculas, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: ssd.reis@outlook.com
2. Orientador, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: aleilton50@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Contos; Conceição Evaristo; crítica social.

INTRODUÇÃO

A marginalização e desumanização da população afro-brasileira não é recente nem escondida, porém a literatura nacional tardou a colocar seus olhos sobre essas pessoas. Conceição Evaristo, em seu livro de contos Olhos D'água, vencedor do Prêmio Jabuti, derrama sua atenção nos dramas de vida da população negra do Brasil, assim como a discriminação, a pobreza e a violência que a acometem. A meta deste trabalho, portanto, foi analisar as nuances da crítica proposta pela autora, que muitas vezes se utiliza de uma prosa mais poética para atingir seu objetivo de transmitir ao leitor aquilo que se quer dizer. A literatura contemporânea nacional apresenta algumas obras com foco maior em criticar a sociedade brasileira e as vivências discriminatórias em que (r)existem os favelados e periféricos nos espaços urbanos, nesse contexto, Conceição Evaristo pratica o que denomina de 'escrevivência'. Sendo uma mulher negra nascida na favela, a autora fala com uma autoridade sem igual, logo a ficção se mistura à realidade de maneira muito relevante no atual cenário da nação.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA

Esta pesquisa teve caráter bibliográfico, sendo fundamentada principalmente no objeto da análise. Textos teóricos sobre contos, literatura afrodescendente no Brasil e marginalização foram estudados, e conceitos serão utilizados como apoio referencial para o trabalho. Sendo assim, o método de estudo foi moldado em leitura, análise e interpretação, proporcionando uma produtiva investigação crítica da coletânea de contos Olhos D'água.

DISCUSSÃO

Para Santos (2018), a escrita na literatura negra não se dá dissociada da realidade. Evaristo diz:

> Na origem de minha escrita ouço gritos, os chamados das vizinhas debruçadas sobre as janelas, ou nos vãos das portas contando em voz alta uma para as outras as suas mazelas, assim como as suas alegrias. Como ouvi

> conversas de mulheres! Falar e ouvir entre nós era talvez a única defesa, o único remédio que possuíamos. Venho de uma família em que as mulheres, mesmo não estando totalmente livres de uma dominação machista, primeiro a dos patrões, depois a dos homens seus familiares, elas construíam um mundo próprio, muitas vezes distantes e independentes de seus homens e mormente para apoiá-los depois (EVARISTO, 2007, p. 20)

Nesse sentido, é possível identificar, em cada um dos contos, os diversos gritos de um povo há muito maltratado, pisado, escanteado e que não vê perspectiva de mudança em sua realidade. A narrativa não deixa de ser atual, mesmo com textos de mais de trinta anos atrás.

Em Olhos D'água, como afirma Gomes (2014), estão presentes mães, filhas, avós e amantes. Evaristo derrama seu olhar sobre diversas formas de marginalização, mas em todas a mulher negro-brasileira se faz presente em meio às relações de opressão e preconceito. Também é afirmado que

> a positividade textual prevalece, apesar de tudo. Uma positividade em que escrever é, certamente, "uma maneira de sangrar; mas também de invocar e evocar vidas costuradas com "fios de ferro" - porém aqui preservadas com a persistente costura dos fios da ficção, em que também se almeja e se combina, incansavelmente, não decerto a imortalidade, mas a tenaz vitória humana, a cada geração, sobre a morte. (GOMES, 2014, p. 11)

No conto "Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos", a tensão é gerada desde o início. É apresentado ao leitor o objeto precioso: a figurinha-flor, assim como a irmã e dúvida, será que uma pegou o brinquedo da outra? Também é apresentado, inicialmente quase como plano de fundo a mãe, Benícia, com seu cansaço, aos trinta e quatro anos (r)existindo e criando quatro filhos: o mais velho no exército, o segundo também em busca de poder, e as duas meninas gêmeas.

O leitor acompanha a busca de Zaíta pela figurinha-flor, a procura em meio aos outros brinquedos que acabam espalhados pelo chão do barracão mesmo com a ameaça anterior da mãe. A garotinha então sai atrás de sua gêmea, Naíta, evitando Benícia no caminho. A mãe, por outro lado, tem o dinheiro tomando seus pensamentos. Somos, então, apresentados à segunda tensão do conto. Benícia, mãe solo, exausta pensa em formas de conseguir melhores formas de sustentar sua família.

Porém, suas preocupações se misturam com as dúvidas em relação ao suposto trabalho do filho mais velho, que, apesar de não ser descrito explicitamente, busca poder em meio ao crime na favela. Benícia questiona se não seria uma boa opção aceitar o dinheiro que o filho tenta lhe dar, porém o orgulho não a deixa ceder. Em meio a esses devaneios, ela nota os brinquedos espalhados e sua gritaria de cólera acaba atraindo a menina Naíta, que acaba apanhando devido ao erro da irmã e sai à sua procura.

Contudo, uma troca de tiros acontece, Zaíta é atingida e a gêmea em meio ao choque e inocência de criança apenas consegue lhe passar o recado que dá nome ao conto.

> Os moradores do beco onde havia acontecido o tiroteio ignoravam os outros corpos e recolhiam só o da menina. Naíta demorou um pouco para entender o que havia acontecido. E, assim que se aproximou da irmã, gritou entre o desespero, a dor, o espanto e o medo:
> - Zaíta, você esqueceu de guardar os brinquedos. (EVARISTO, 2014, p.76)

Pensando nas definições já descritas acima, Evaristo entrega com essa curta história toda a construção do clássico conto. O cenário da história é definido de maneira simples, uma favela. Qual? Todas. Cada personagem tem seu nível de complexidade descrito, porém a interação entre eles é o que gera no leitor a ânsia de saber o que vem a frente. A menção da arma do irmão, em dado momento, faz com que nasça a expectativa de seu uso, mas o impacto vem bem maior ao não ser a dele, mas outro qualquer com o mesmo fim: a morte.

Evaristo trás à tona a precariedade, a violência e a própria questão do peso jogado em cima de uma mãe. A exposição nas favelas e a busca por poder que na verdade traz consigo algo muito mais profundo, como a falta de oportunidade que faz com que os jovens precisam ir atrás de algo a mais.

Olhos D'água, conto que dá nome ao livro, também reflete muito a maestria com a qual a autora traz a crítica social em meio a estrutura do conto clássico. Nele a tensão se dá logo na segunda linha, tendo início na simples pergunta: "De que cor eram os olhos de minha mãe?"

O mesmo questionamento é repetido diversas vezes ao longo do curto enredo, enquanto a narradora se posiciona e se apresenta, assim como intensifica a questão. Um pensamento se transforma aos poucos em culpa, pois sendo a primeira de sete filhas e tendo saído cedo de casa, era a que mais conhecia a dor da mãe.

> Às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância. Lembro-me de que, muitas vezes quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas, sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do vazio do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis em que as línguas brincavam a salivar sonho de comida. (EVARISTO, 2014, p. 16)

A narradora afirma que, como a própria autora, saiu de sua cidade natal em busca de melhores condições, porém, tomada pelo desespero, precisava voltar, era primordial lembrar a cor dos olhos da mãe. O clímax chega de maneira serena e certeira,

onde a narradora afirma que a mãe trazia “serenamente em si, águas correntezas”. A cor dos olhos, então, era cor de olhos d’água.

Um final doloroso, mas simples. Evaristo dessa vez, diferente do conto já citado, joga toda crítica durante o enredo, mas segurando para si o mistério principal. Porém, mais uma vez o que foi citado no começo faz sentido com o desfecho. Mais uma mãe sofredora, sozinha e lutando contra a miséria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

Conceição Evaristo trás, em meio às interfaces do conto, a voz de diversas mulheres e o sofrimento de todo um povo. É importante problematizar e ver nos personagens não estereotipados da autora o reflexo de nossa sociedade. Um livro escrito aos poucos durante 30 anos, parece mais real a cada dia, assim como diversas violências descritas se mantém intactas e impunes no imaginário popular.

Elementos de hierarquização precisam passar a ser coisa apenas de livros de história e de ficção, e Olhos D’água contribui para a construção de uma verdadeira crítica, com personagens não vitimizados, mas sim plurais dentro do espaço urbano onde se encontram inseridas.

A literatura contemporânea negro-brasileira visa denunciar a condição subalternizada do negro e mesmo usando elementos clássicos, Evaristo se posiciona num lugar de resitência, afirmação e força.

REFERÊNCIAS

CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos do conto. In: ALAZAKI, Jaime (Org.). **Obra crítica 2**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.) **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces.** Belo Horizonte: Mazza, 2007.

PÓLVORA, Hélio. **Itinerários do conto: interfaces críticas e teóricas da moderna short story**. Ilhéus: Editora da UESC, 2002.

RIBEIRO, Carlos Jesus. **A luz das narrativas: escritos sobre obras e autores.** Salvador, BA: EDUFBA, 2009.

SANTOS, Mirian Cristina dos. **Intelectuais Negras: Prosa Negro-Brasileira Contemporânea.** Rio de Janeiro: Malê, 2018.